

# A APROPRIAÇÃO DOS CONCEITOS BOURDIEUSIANOS PARA A COMPREENSÃO DE TRAJETÓRIAS: O CASO DO POLÍTICO PARANAENSE ROBERTO REQUIÃO DE MELLO E SILVA

RESULTADO DE INVESTIGAÇÃO EM CURSO

GT16 – METODOLOGIA E EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Daiane Carnelos Resende\*  
Ricardo Costa de Oliveira\*\*  
Luiz Demétrio Janz Laibida\*\*\*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar de que forma os conceitos de Pierre Bourdieu podem ser utilizados em análises de trajetórias. Para tanto, escolheu-se, como um caso exemplar, a trajetória de um dos políticos mais importantes do Paraná, Roberto Requião de Mello e Silva. Concluiu-se que os conceitos seminais bourdieusianos de *habitus*, campo e capitais foram bastante úteis para a compreensão da ação deste político, e que, por isso, devem ser considerados como ferramentas indispensáveis nos estudos de trajetórias.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu, Trajetória Política, Roberto Requião.

## INTRODUÇÃO

Uma das principais questões que permeia a Sociologia desde os primórdios é a dualidade entre indivíduo/sociedade, e é neste íterim que se dá um dos grandes avanços da sociologia contemporânea mediante a utilização do arcabouço teórico elaborado por Pierre Bourdieu. É notória a importância da herança bourdieusiana na esfera sociológica e epistemológica, na sintetização de várias correntes teóricas e na resolução de problemas de análises subjetivas e objetivas.

Para Bourdieu (2000), o ofício do sociólogo deveria versar sobre os descobrimentos das estruturas enterradas nos diversos mundos sociais compositores do universo societário e dos mecanismos que tendem a assegurar sua reprodução, ou ainda, objetivamente como campo e subjetivamente como *habitus*.

Em se tratando de representações individuais, deve-se citar a importância dos estudos que versam sobre trajetória social que deve ser percebida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*: cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque das possibilidades inicialmente compatíveis, marca uma etapa de envelhecimento social que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos, que representam a história de uma vida. (Bourdieu, 1996).

Para Bourdieu (1996, p.292), uma trajetória pode ser entendida como “a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos”. Nessa perspectiva, os eventos biográficos e seus respectivos sentidos podem ser compreendidos dentro de um contexto no espaço social, ou seja, dentro de uma estrutura de distribuição dos diversos capitais (econômico, político, cultural, entre outros) que legitimam uma ação em um determinado campo.

Formas de pensar e agir serão legitimadas somente se considerada a experiência ou estrutura do agente. Nessa ótica, e considerando a relação de causalidade dos eventos, as análises de configuração serviriam como instrumentos para a explicação satisfatória dos fatos ou as opções ideológicas.

Na área da Sociologia brasileira há diversos estudos versando trajetórias e questões genealógicas de famílias tradicionais em determinados Estados do Brasil e grande parte dos trabalhos utilizam-se do conceito bourdieusiano de *habitus* (sistemas e esquemas de percepção, apreciação e ação) como uma espécie de “herança genética”, capaz de mensurar como o agente político se comportará em determinado campo de acordo com o acúmulo de certos capitais, no caso específico da política: capital social, capital econômico, capital político, capital simbólico.

Um exemplo de análise deste tipo está presente na obra ‘Intelectuais à brasileira’, de Sérgio Miceli, em que traça o percurso de uma categoria de escritores atuantes em períodos específicos da história brasileira. Também do mesmo autor, há as pesquisas que investiga a análise comparada das trajetórias de Florestan Fernandes e Gino Germani.<sup>1</sup> Há também vários trabalhos de Luis Felipe Miguel que consagra a aplicação dos conceitos de *habitus*, capitais e campo na esfera política. Tais exemplos são algumas das referências da utilização do conceito de trajetória de Bourdieu na sociologia brasileira contemporânea.

Aludindo especificamente o campo político que perfaz o objeto de análise em questão, o entendimento das representações individuais de um agente político, quanto à sua práxis política e sua inserção na esfera política, perpassa pelo entendimento de sua trajetória e a conversão de capitais dentro do campo supracitado.

O objetivo deste artigo é esboçar uma proposta definida de estudo da trajetória política de uma personalidade do Estado do Paraná, a partir da “apropriação” da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, ressaltando a importância que o autor supracitado direcionou aos trabalhos empíricos, ligados especialmente a estudos biográficos e seus corolários teóricos, no intuito de viabilizar e trazer à luz uma singela contribuição, sobre a utilização de procedimentos possíveis dentro da prática de pesquisa com a utilização da teoria bourdieusiana. Para tanto, este artigo está dividido em quatro seções: a primeira traz um breve esboço sobre o contexto da produção científica de Pierre Bourdieu; a segunda apresenta os principais conceitos do autor para a compreensão de trajetórias; a terceira apresenta uma síntese da biografia de Roberto Requião, destacando a influência familiar em suas escolhas; e, por fim, será exposto como os conceitos deste autor podem ser importantes para a compreensão da trajetória de Requião, e dos estudos de trajetórias de maneira mais ampla.

## 1 A SOCIOLOGIA CRÍTICA DE PIERRE BOURDIEU

O cenário sociológico que precedeu o período pós-guerra até meados da década de 1960 foi dominado principalmente pelo funcionalismo estrutural de Talcott Parsons e outras correntes estadunidenses, ou seja, por análises mais objetivistas. Os conflitos internacionais, com destaque para a Guerra do Vietnã, o surgimento de novos movimentos sociais, o maio de 68 na França, o

---

\* Doutoranda em Sociologia pela UFPR ([professoradaiane@yahoo.com.br](mailto:professoradaiane@yahoo.com.br)); \*\* Professor do Departamento de Sociologia da UFPR ([rco2000@uol.com.br](mailto:rco2000@uol.com.br)); \*\*\* Doutorando em Sociologia pela UFPR ([luizdemetrio@ig.com.br](mailto:luizdemetrio@ig.com.br)).

<sup>1</sup> Os inventores da sociologia “científica” sul-americana – Florestan Fernandes e Gino Germani. Vanguardas em retrocesso. Sergio Miceli. 2012.

distanciamento crescente entre países ricos e pobres, o desmonte do Estado do Bem-Estar Social e abertura para a intromissão ideológica do neoliberalismo (Boltanski e Chiapello, 1999), entre outros acontecimentos, influenciaram a reorientação do pensamento social, que passaram a ter no centro das análises a mudança e o conflito social, e nesse sentido, as explicações funcionalistas já não eram mais suficientes.

Na França, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela intensidade da crítica social, e é nesse contexto que o pensamento de Pierre Bourdieu (1930-2002) se insere. Sua sociologia crítica é reconhecida, como salienta Domingues (2001, p.59 e 60), pelo inegável mérito de ter sintetizado tantas correntes em sua teoria, e por ter também pretendido resolver o problema das análises objetivistas e subjetivistas.

Em relação à corrente de pensamento a qual o autor se insere, inicialmente, autodenominou sua teoria de construcionismo-estruturalista, mas posteriormente afirmou ser mais coerente a denominação inversa (estruturalista-construcionista), para expressar a articulação dialética entre as estruturas mentais e estruturas sociais, ou ainda a dialética entre o objetivismo e subjetivismo em sua teoria. Estruturalismo no sentido de que existe no mundo social, e não somente no simbólico, estruturas objetivas capazes de coagir as práticas e representações dos indivíduos, e construcionismo no sentido de haver uma gênese social do *habitus* de um lado, e de outro as estruturas sociais, os campos (Bourdieu, 1990, p.149).

Desse modo, a ideia de campo constitui-se no momento determinista e objetivista de sua análise, enquanto o *habitus* constitui-se no momento subjetivista e genético. Há uma relação ontológica entre *habitus* e campo, sendo o primeiro uma interiorização das estruturas sociais, e o segundo a exteriorização do primeiro (Champagne e Christin, 2004 e Vandenberghe, 1999).

Entre os anos de 1966 e 1972, Bourdieu construiu o que viria ser o núcleo duro de sua teoria, o desenvolvimento de uma “grande teoria” total e supersofisticada do mundo social, religando as noções de campo, *habitus* e violência simbólica, capaz de eliminar a antinomia da ação e estrutura, em uma teoria construtivista neo-objetivista das práticas de reproduções sociais. Tal antinomia foi resolvida com a ideia de *habitus*, que atua como “operador teórico”, fazendo a ligação entre o sistema invisível das relações estruturadas formadoras do campo e as ações e interações visíveis dos atores (Vandenberghe, 2006).

Na próxima seção serão apresentados, de maneira sucinta, os principais conceitos deste autor, que são comumente utilizados no fazer sociológico contemporâneo, e, para o caso da presente proposta, nas análises de trajetórias.

## 2 CONCEITOS BOURDIEUSIANOS PARA A COMPREENSÃO DE TRAJETÓRIAS

A filosofia da ação de Bourdieu sugere uma teoria da prática ou do modo de engendramento das práticas, que é definida pelo autor como uma ciência da dialética da interioridade e da exterioridade, ou seja, da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade. Essa concepção se encontra na origem do conceito de *habitus*. Sendo assim,

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (...) produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente

“reguladas” e “regulares” sem ser o produto de obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingí-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (Bourdieu, 2003, p. 53)

O *habitus* é um sistema de disposições duráveis e transferíveis que constituem a estrutura da vida social. Ao integrar todas as experiências passadas, ele pode ser entendido como um sistema de esquemas de produção de práticas que funciona também como uma matriz de percepções, apreciações e ações, tornando possível a realização de tarefas diferenciadas. Entretanto, segundo Bourdieu (2004, p. 21-22), o *habitus* é o “(...) princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, [e] de práticas”.

Ao tentar compreender as implicações da noção de *habitus*, Pierre Bourdieu tentou analisar as relações entre estes e os campos sociais. O campo é uma rede de relações objetivas entre posições sociais definidas objetivamente em sua existência e que fornecem determinações que elas repõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições por sua situação social atual e potencial e por sua posição relativa em relação a outras posições. Visto assim, o campo é um espaço estruturado a partir de posições de poder e disputas simbólicas, no qual pode ser constatada a existência de leis genéricas. Pode ser entendido como um sistema de relações sociais que estabelece como legítimos certos objetivos, que assim se impõem “naturalmente” aos agentes que dele participam. Esses agentes, por sua vez, interiorizam o próprio campo, incorporando suas regras, também de maneira “natural”, em suas práticas. (Bourdieu, 2003).

Compreender a gênese social de um campo - e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram - é explicar ou tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.

Tendo cada campo sua própria estrutura, ou seja, seus próprios critérios de avaliação da realidade, o campo político pode ser tido como o lugar onde se geram as disputas simbólicas entre os agentes nele envolvidos, produtos políticos, ou programas, nos quais os ‘consumidores’, ou cidadãos comuns, exteriorizam suas escolhas (Bourdieu, 2003).

Nessa mesma lógica, as práticas sociais são definidas pelo autor da seguinte maneira:

O resultado do aparecimento de um *habitus*, sinal incorporado de uma trajetória social, capaz de opor uma inércia maior ou menor às forças sociais, e de um campo social que funciona, nesse aspecto, como um espaço de obrigações (violências) que quase sempre possuem a propriedade de operar com a cumplicidade do *habitus* sobre o qual se exercem (Bourdieu, 2003, p. 38).

Por conseguinte, as práticas são resultantes, por intermédio do *habitus*, da relação dialética entre uma estrutura e uma conjuntura, entendidas como as condições de atualização deste *habitus*, sendo este um estado particular da estrutura.

Bourdieu compreende que os atores sociais estão inseridos especialmente em determinados campos sociais. A posse de grandezas de certos capitais (cultural, social, econômico, político, artístico etc.) e o *habitus* de cada ator social condicionam seu posicionamento espacial. Para ele, o que determina a posição espacial no campo social são as posses de capital econômico e de capital cultural. Os sujeitos ocuparão espaços mais próximos quanto mais similares forem a quantidade e a espécie de capitais que detiverem. Em contrapartida, os agentes estarão mais distantes no campo social quanto mais díspar for o volume e os tipos capitais. Assim, pode-se dizer que a riqueza econômica (capital econômico) e a cultura acumulada (capital cultural) geram internalizações de disposições (*habitus*) que diferenciam os espaços a serem ocupados pelos homens.

De maneira mais geral, o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); ou, em outros termos, ao sistemas de separações diferenciais, que definem diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes, isto é, em suas práticas e nos bens que possuem. A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo. (Bourdieu, 1994, p 21)

Os conceitos de *habitus* e campo elaborados por Bourdieu servem como categorias de análise fundamental. O *habitus*, ao se apresentar ao mesmo tempo como individual e social, refere-se não só ao elemento individual, mas também a um grupo ou a uma classe social. Assim, a história da vida de um indivíduo pode ser vista como uma variante do *habitus* de seu grupo ou de sua classe, na medida em que seu estilo individual aparece como um desvio codificado em relação ao estilo de sua época e de sua classe ou grupo social. Do mesmo modo, ao servir como suporte da noção de *habitus*, o conceito de campo se constitui em outra ferramenta conceitual importante para os estudos sociológicos sobre trajetórias.

Na seção seguinte será apresentada a trajetória de um dos mais importantes políticos paranaense, Roberto Requião de Mello e Silva, como um modelo heurístico possível para a utilização dos conceitos de Pierre Bourdieu.

### **3 TRAJETÓRIA SOCIAL E POLÍTICA DE ROBERTO REQUIÃO**

Roberto Requião de Mello e Silva nasceu em Curitiba no dia 5 de março de 1941, no Hospital Victor Ferreira do Amaral. É o filho mais velho da união de Wallace Tadeu de Mello e Silva e Lucy Requião de Mello e Silva. Justiniano de Mello e Silva, seu bisavô paterno, nasceu em 1853 na cidade de Divina Pastora no Estado de Sergipe e deu início à trajetória da família na política paranaense.

Justiniano assumiu um cargo de extrema importância na esfera política nacional como um dos conselheiros de D. Pedro II. Justiniano, bacharel em Direito, chegou ao Paraná em 1876, dentro da itinerância do Império, com o cargo de secretário da presidência de Lamemha Lins, sendo,

posteriormente, deputado estadual. Em 1890, Justiniano participou da fundação do primeiro Partido dos Operários do Paraná, escrevendo o Manifesto de Legitimação do partido.

A paixão pela política paranaense foi transmitida de Justiniano ao filho, Wallace de Mello e Silva, que começou como camarista em Curitiba, sendo ainda deputado estadual nos anos de 1914-1915, na vigência da Primeira República, durante o governo de Carlos Cavalcante de Albuquerque. No ano de 1930, o chamado Período Revolucionário, o Coronel Wallace, como era conhecido, voltou a ocupar o posto de deputado estadual no governo de Mário Alves Monteiro Tourinho.

Ainda criança, Roberto Requião proferiu um discurso em cima de um carro em favor de seu pai que, no momento, disputava a prefeitura da capital paranaense com Ney Braga, o vencedor desta disputa. Wallace, que exercia a profissão de médico psiquiatra, fora indicado pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto para a prefeitura municipal de Curitiba. Tal discurso, realizado aos doze anos por Requião, já demonstrava seu apreço pela política, e também deixou sua marca na memória de Requião:

Papai tinha uma visão de cidade avançadíssima para a sua época. Uma visão de cidade que ele suportava nos seus conhecimentos de urbanismo, vindos de cidades inglesas, francesas da época. Pensava no cinturão verde, em cidades divididas. Papai era um admirador do Agache, que fez o primeiro plano de Curitiba. Papai perdeu uma eleição em cima de muito idealismo. Perdeu uma eleição para grupos que tinham compromissos muito claros com os interesses estratificados de diversos setores da economia e da sociedade. De certa forma, eu fiquei devendo para ele essa eleição e esta cidade. A própria proposta de transporte coletivo de meu pai é a proposta que eu estou criando. E meu pai quando foi prefeito nomeado foi demitido porque resolveu criar uma empresa pública de transporte coletivo. Meu pai foi prefeito em 1951 e depois candidato em 1954-55, ele era petebista, mas seu petebismo tinha raízes marxistas, baseadas no Harold Laski, criador do Labor Party, o partido trabalhista britânico. Então, era um petebismo impregnado de uma visão bastante progressista da sociedade. Ele não era um marxista, mas um petebista de raízes marxistas, como todo trabalhista britânico. (Jornal O Estado do Paraná, 02/10/1988, p.07)

Roberto Requião iniciou sua vida estudantil em escolas tradicionais de Curitiba. Seus estudos superiores foram realizados na Universidade Federal do Paraná, na qual obteve o título de bacharel em Direito, no ano de 1966, e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, onde concluiu o curso de Jornalismo no ano de 1964. Sua escolha profissional já dava indícios de pretensões futuras no campo político.

No período da graduação, Roberto Requião participou da militância estudantil como membro de centros acadêmicos e diretórios centrais estudantis. Também fundou o Teatro do Estudante Universitário em Curitiba, época do pós-64, e o grupo oficina com “Liberdade Liberdade”. Em sua juventude trabalhou na Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural no Projeto Ponto Quatro e liderou o movimento estudantil com ideais de esquerda.

Como advogado, atuou principalmente pela defesa dos interesses populares, advogando em prol das Associações de Moradores e do Movimento Rural. Foi participante e líder ativo de várias

manifestações, principalmente no regime militar, preconizando, essencialmente, a liberdade de expressão, criticando duramente tal sistema, utilizando slogans considerados subversivos pelos militares (“Democracia, Deus e a liberdade”; “Ditadura Militar e Escravização” como sendo a nova ordem das coisas). Foi fichado no DOPS por possuir comportamento “extremista”, sendo nocivo para a manutenção da “ordem”.

Roberto Requião de Mello e Silva entrou efetivamente para a política paranaense aos 41 anos como deputado estadual, em 1982 pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), no conturbado período de redemocratização. Elegeu-se prefeito de Curitiba em 1985; foi Secretário de Estado do Desenvolvimento Urbano (1989-1990) no governo Álvaro Dias e eleito governador do Paraná em 1990. Em 1994, concorreu a uma das vagas do Senado Federal, eleito com a maior e expressiva votação; em 1998, disputou as eleições para o governo do Estado, mas foi derrotado por Jaime Lerner. Em 2002, foi eleito governador do Paraná pela segunda vez, e reeleito em 2006. Nas eleições de 2010, foi eleito Senador da República, cadeira que ocupa no momento atual.

Roberto Requião, oriundo de uma família da elite nordestina que veio para o Paraná no século XIX (Oliveira, 2001 p.112), tem como principal característica política programas e projetos direcionados às classes subalternas. Sobre suas prioridades enquanto político, Requião esclarece:

Minhas credenciais, quem as fornece é o meu povo. Suas dores e desesperanças, seus anseios e sonhos. Minhas credenciais têm a marca das ruas, do salário mínimo, do desemprego, da falta de moradia e comida; a marca da marginalização de dois terços da população brasileira, dos benefícios mínimos do desenvolvimento que não têm acesso ao consumo básico. Essas são as minhas credenciais: de quem fez, e faz política, prioritariamente, identificado com as reivindicações e o clamor das ruas e dos campos. O ponto de partida das minhas candidaturas sempre foi a casa do meu povo. Foi sentado à sua mesa que fiz meu plano de governo. E, em coerência com esse compromisso, jamais busquei evitar ou tangenciar o contraditório. Tenho a convicção de que, sem o enfrentamento, jamais será possível cumprir um programa de governo justo, ético e a favor dos que efetivamente precisam do Estado. (Jornal Gazeta do Povo, 23/05/1991, p.05)

Uma característica importante de Requião, especialmente nos mandatos como Governador do Estado, foi sua postura centralizadora, assumindo, por algumas vezes, secretarias de seu próprio governo. Por outro lado, a instituição da ouvidoria enquanto era Prefeito de Curitiba, bem como a preponderância de políticas voltadas para classes populares, faz de Requião uma figura curiosa. O político, em alguns discursos e ações, se demonstrou contrário aos pressupostos e tendências “naturais” do modelo neoliberal vigentes desde a década de 1990, preconizando as empresas estaduais e nacionais, embargando a entrada de produtos transgênicos no Estado, travando embates contra a cobrança de pedágios nas rodovias do Paraná, e, se mostrando por diversas vezes contrário à mídia hegemônica, preconizando o desenvolvimento dos programas locais, especialmente de esclarecimento de políticas de seu governo (Escola de Governo).

A próxima seção tem como objetivo analisar de que maneira os conceitos de Bourdieu podem ser utilizados para a compreensão da trajetória de Roberto Requião. Deste modo, pretende-se

demonstrar que os conceitos de *habitus*, campos e capitais elaborados pelo autor, são ferramentas de extrema valia para o estudo de trajetórias em um sentido amplo.

#### **4 APLICAÇÃO DOS CONCEITOS BOURDIESIANOS PARA A COMPREENSÃO DA TRAJETÓRIA DO POLÍTICO ROBERTO REQUIÃO DE MELLO E SILVA**

Em se tratando dos estudos de trajetória utilizando os conceitos bourdieusianos, temos que destacar a importância que a instituição ‘família’ assume no processo de socialização do sujeito. De acordo com Bourdieu, o sujeito, por meio do *habitus*, interioriza as estruturas objetivas, ou seja, as normas e os valores sociais, assim como os sistemas de classificação e os sistemas de pensamento. Para ele, “a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais”. A família é um dos lugares por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as diferentes gerações: ela resguarda sua unidade pela transmissão e para a transmissão, para poder transmitir e porque ela pode transmitir. Ela é o “sujeito” principal das estratégias de reprodução (1994, p. 131).

Na reconstrução da realidade social e nas tomadas de posição fundamentais para a estruturação dos campos, a genealogia ocupa papel fundamental. No caso do Brasil, a instituição ‘família’ tem uma função ainda mais importante no que se refere à reprodução, em especial no campo político, fator que também tem espaço preponderante na obra de Bourdieu (1994):

A família é um princípio de construção da realidade social, também é preciso lembrar, contra a etnometodologia, que esse princípio de construção é ele próprio socialmente construído e que é comum a todos os agentes socializados de uma certa maneira. É um princípio comum de visão e de divisão, um *nomos*, que todos temos no espírito, porque ele nos foi inculcado por meio de um trabalho de socialização concretizado em um universo que era ele próprio realmente organizado de acordo com a divisão em famílias. Esse princípio de construção é um dos elementos constitutivos de nosso *habitus*, uma estrutura mental que, tendo sido inculcada em todas as mentes socializadas de uma certa maneira, é ao mesmo tempo individual e coletiva; uma lei tácita (*nomos*) da percepção e da prática que fundamenta o consenso sobre o sentido do mundo social (e da palavra família em particular), fundamenta o senso comum (...) a família como categoria social objetiva (estrutura estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é a base de milhares de representações e de ações que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. Esse é o círculo de reprodução da ordem social (p. 127-128).

Nas concepções bourdieusianas a família seria a matriz da trajetória social e da relação com essa trajetória, portanto das contradições e das duplas coações que nascem principalmente das discordâncias entre as disposições do herdeiro e o destino encerrado em sua herança, a família é geradora de tensões e de contradições genéricas (observáveis em todas as famílias, porque ligadas à sua propensão a se perpetuar) e específicas (evitando, principalmente, segundo as características da



herança). Para o autor o pai ocupa o lugar e o instrumento de um "projeto" (ou melhor, de um *conatus*) que, estando inscrito nas suas disposições herdadas, transmite-se inconscientemente na sua maneira de ser e por sua maneira de ser, e também, explicitamente, por ações educativas orientadas para a perpetuação da linhagem (o que em certas tradições chama-se "a casa"). Herdar é substituir essas disposições imanentes, perpetuar esse *conatus*, aceitar fazer-se instrumento dócil desse "projeto" de reprodução. Bourdieu finaliza ressaltando que a herança bem sucedida é um assassinato do pai realizado com a injunção do pai, uma superação do pai destinada a conservá-lo, a conservar seu "projeto" de superação que, como tal, está na ordem, na ordem das sucessões. A identificação do filho com o desejo do pai como desejo de ser continuado produz o herdeiro sem história. (Bourdieu, 2007).

Dessa forma, Roberto Requião, filho de uma família tradicional e que se interessava e participava da política paranaense, definiu a sua posição social, ou seja, foi socializado, internalizando o *habitus* da classe social da qual é pertencente. Segundo OLIVEIRA (2001), as famílias Requião e Mello e Silva pertenciam à elite estatal nacional composta por bacharéis, médicos e engenheiros vindos para o Paraná provincial na segunda metade do século XIX, procedentes do Nordeste do Brasil, para o autor a tradição do Paraná é a política da continuidade, que muitas vezes é vista como uma antitradição, assim sendo, o poder paranaense se reproduz nas mãos de poucas famílias.

Para Oliveira (2001), o significado e a formação da classe dominante seguem determinados critérios: o primeiro seria a questão da materialidade, composta pela inserção econômica ocupada pelos sujeitos, fazendo com que estes assumam uma posição de comando da sociedade local; o outro diz respeito a indivíduos e grupos familiares que podem acumular capitais e entrar na classe dominante, mas que também podem ser afastados por um processo de decadência econômica e, conseqüentemente, social. Na esfera das continuidades, as relações sociais e políticas mais gerais desempenham um papel preponderante, ou seja, a gênese local e regional forma o *locus* privilegiado da estruturação dessa classe dominante.

Na breve biografia de Roberto Requião de Mello e Silva, o acúmulo de capital econômico e cultural, já vinha de várias gerações de sua família, numa acumulação de capitais acelerada pela presença de vários bacharéis que estavam entre os primeiros no Estado do Paraná, construindo uma coleção de bens simbólicos determinantes na história paranaense:

O essencial é perceber que os bens possuídos, as opiniões expressas, tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma verdadeira linguagem. As diferenças associadas a posições diferentes, isto é, os bens, as práticas e, sobretudo, as maneiras, funcionam, em cada sociedade, como as diferenças constitutivas de sistemas simbólicos, como o conjunto de fonemas de uma língua ou o conjunto de traços distintivos e separações diferenciais constitutivas de um sistema mítico, isto é, como signos distintivos. (Bourdieu, 1994, p 22).

É notória a importância do *habitus* familiar nas tomadas de decisões de um agente dentro do campo, em se tratando do político foco do trabalho em questão, é salutar destacar que os capitais acumulados por transferências geracionais como: o econômico, cultural, social e político, perfazem as ferramentas necessárias para a obtenção de uma trajetória política bem sucedida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pierre Bourdieu construiu uma teoria da prática, que pode ser motivo de contestação para algumas correntes, principalmente entre os partidários do individualismo metodológico. Não há como pensar em Sociologia Contemporânea sem citar a herança bourdieusiana e o epicentro de seu mote teórico que seria o “retorno do sujeito” e a inflexão interpretativa que desembocam nas teorias da crítica social da atualidade.

Em se tratando dos estudos de trajetórias políticas na contemporaneidade a presença dos conceitos bourdieusianos é praticamente obrigatória para o entendimento da posição do agente no campo e a conversão de capitais delineadas a partir de suas estratégias políticas que são estruturadas pelo *habitus*, daí a importância de se ressaltar a “herança genética”, como foi demonstrada em nosso estudo de caso, sobre o político Roberto Requião de Mello e Silva.

De forma sintética vimos à importância da apropriação dos conceitos bourdieusianos para o entendimento de trajetórias políticas, em específico a trajetória do político paranaense Roberto Requião de Mello e Silva. Analisamos que o político supracitado, recebeu uma grande herança de seus antepassados no campo da política e foi acumulando os capitais necessários para a obtenção de êxito dentro do referido campo.

Para consagrarmos de maneira fidedigna a eficácia do método a que o trabalho se propõe, faz-se necessário a consecução do mesmo, visto que a pesquisa ainda está em andamento e este artigo é apenas um singelo esboço que busca contribuir com as fecundas discussões no campo epistemológico das ciências sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, Luc. Sociologie critique et sociologie de la critique. In: Politix. Vol. 3, N°10-11. Deuxième et troisième trimestre 1990. pp. 124-134. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em: 22/06/2013.

BOLTANSKI, L; CHIAPELLO, E. Le nouvel esprit du capitalisme, Paris, Gallimard: 1999.

BOURDIEU, P. "As contradições da herança" in Lins, D. Cultura e Subjetividade. Campinas. Papyrus, 1997.

BOURDIEU, P. Coisas ditas. São Paulo, Brasiliene, 1990.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: 2003.

BOURDIEU, P. Sur le pouvoir symbolique, Annales, n°3, mai-juin 1977. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em: 10/01/2012.

BOURDIEU, P. A profissão do sociólogo. Petrópolis, Vozes: 2000.

BOURDIEU; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CHAMPAGNE, P. CHRISTIN, O. Mouvements d'une pensée: Pierre Bourdieu. Paris: Bordas, 2004.

DOMINGUES, J. M. Estruturalismo e Estruturação: Bourdieu e Giddens. In: Teorias sociológicas no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.55-70, 2001.

OLIVEIRA, R.C. O Silêncio dos Vencedores: Genealogia, Classe Dominante e Estado no Paraná. Curitiba: Moinho do Verbo. 2001.

OLIVEIRA, R.C. Famílias, poder e riqueza: redes políticas no Paraná em 2007. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano9, nº 18, jun. Dez. 2007, p. 150-169.

PETERS. G. Percursos na teoria das práticas sociais: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. Dissertação (Programa de Mestrado em Sociologia). Universidade de Brasília, 2006.

RESENDE, D. C. Elementos decisivos na construção da posição e prática política de Roberto Requião de Mello e Silva. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UFPR 2007.

VANDENBERGHE, F. The real is relational: an epistemological analysis of Pierre Bourdieu's generative structuralism. Sociological Theory. 17, 1, pp.32-67, 1999.

VANDENBERGHE, F. Construção e crítica na sociologia francesa. In: Sociedade e Estado, vol.21, nº 2. Brasília: may/aug. 2006.

VASCONCELLOS, M. D. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. In: Educação e Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>. Acesso em: 11/01/2012.